

# DEGENERESCÊNCIA E REVIRÃO: CONVERGÊNCIA ÚTIL PARA O CAMPO DA COMUNICAÇÃO?<sup>1</sup>

Francisco José Paoliello Pimenta<sup>2</sup>  
Potiguara Mendes da Silveira Jr.<sup>3</sup>

*Resumo:* O estudo atual da Comunicação como campo epistemológico apresenta convergências que devem ser melhor explicitadas. Tal proposição será desenvolvida aqui num diálogo teórico entre o Pragmati(ci)smo e a Transformática, a partir da hipótese de que haveria, hoje, na área, uma percepção coletiva de “incertezas”. Apresentaremos, então, possíveis processos de mudança cognitiva que estariam na base de tal convergência, além de discutir se podem ser observadas aproximações nas teorias que vêm sendo utilizadas para a compreensão do tema.

*Abstract:* Nowadays, as we study Communication as an epistemological field we perceive convergences that should be better explained. This proposition will be treated here in a theoretical debate between Pragmati(ci)sm and Transformatic, considering that could exist, today, in this area, a common perception of “uncertainties”. Then, we will present some cognitive processes that could be supporting these convergences. In addition, we will argue if links can be established among theories that are being used to understand this matter.

*Palavras-Chave:* 1. Semiótica; 2. Psicanálise; 3. Mudanças Cognitivas.

*Key words:* 1. Semiotics; 2. Psychoanalysis; 2. Cognitive changes.

---

## 1. Introdução

O debate atual sobre a compreensão da Comunicação como campo epistemológico apresenta convergências que devem ser melhor explicitadas. Tal proposição constitui uma das hipóteses de projeto de pesquisa, financiado pelo Procad/Capes, intitulado “Crítica Epistemológica: Análise de investigações em curso, com base em critérios epistemológicos, para desenvolvimentos reflexivos e praxiológicos na pesquisa em Comunicação”, e será desenvolvida aqui num diálogo teórico entre duas

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho “Epistemologia da Comunicação”, do XVIII Encontro da Compós, na PUC, Belo Horizonte, MG, em junho de 2009.

<sup>2</sup> Doutor (PUCSP-TSOA/NYU) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGCom/UFJF. [paoliello@acessa.com](mailto:paoliello@acessa.com).

<sup>3</sup> Pós-Doutor (Universidade Nova de Lisboa) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGCom/UFJF. [potiguaramsjr@uol.com.br](mailto:potiguaramsjr@uol.com.br).

das vertentes apresentadas para esta investigação. Uma delas é o Pragmati(ci)smo de Charles Sanders Peirce, que permite observar o campo da Comunicação sob o prisma da representação sígnica, e a Transformática, sustentada pelos trabalhos de MD Magno, sobre a obra de Freud e Lacan, que propõe: a) que uma teoria completa da Comunicação é uma teoria psicanalítica; e b) que a psicanálise é uma teoria plena da Comunicação.

O tema da convergência teórica como característica do debate epistemológico sobre a Comunicação já foi tratado no Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação, do Congresso da Compós de 2008, por meio de trabalho apresentado sob o título “Indeterminação; o ‘Admirável’; a Crescente Comunicabilidade”, que apontava para a ênfase recorrente em fenômenos caracterizados como “incertos”, da esfera do “sensível”, “intuitivos”, “subjetivos”, marcados pela “diversidade”, “despercebidos” e “instáveis” em nove dos dez artigos apresentados no encontro do ano anterior. Foi lançada, então, a ideia de que os pesquisadores da área estariam percebendo, de forma coletiva, a ocorrência de um sentimento de crescente compartilhamento gerado pela atual comunicação imediata, planetária, ubíqua, portátil e em rede e, daí, estariam buscando explicitá-lo.

Esta abordagem será aqui ampliada, por meio do diálogo teórico entre o Pragmaticismo e a Transformática, na tentativa de compreender melhor como se dariam possíveis processos de mudança cognitiva que estariam na base de tal convergência observada. Além disso, por meio desta aplicação articulada de conceitos como o de “degenerescência sígnica”, de “mudanças de hábitos” e de “Revirão”, derivados da esfera da Semiótica e da Psicanálise, poderemos observar se convergências teóricas acontecem não apenas nesta observação da emergência de fenômenos “incertos” na área da Comunicação, mas também em instrumentos que vêm sendo utilizados para sua compreensão e análise.

## **2. Comunicabilidade e Mudança de Hábitos**

Conforme já apresentamos em outra oportunidade, partimos da ideia de que a esfera das trocas comunicacionais, incluindo as humanas, pode ser melhor compreendida se tomada sob o ponto de vista de que este processo sempre envolve algum tipo de representação (PIMENTA, 2007), ou seja, conforme Peirce, de que

nenhuma comunicação é possível sem signos (CP, 5.250-3). A partir dessa premissa, o Pragmaticismo peirceano busca compreender quais as características que os processos sígnicos devem ter para que se atinja, da melhor forma possível, seus objetivos comunicacionais. Daí, a ideia apresentada acima, de que os meios digitais estariam ampliando a comunicabilidade humana pelo estímulo a uma esfera de “instabilidade”, foi por nós analisada a partir de tal critério de excelência comunicacional. Ou seja, sustentamos que a “instabilidade” verificada por diversos autores corresponderia a algo desejável para a comunicabilidade humana por atingir um caráter de “Summum Bonum” estético (PIMENTA, 2008).

No entanto, tal constatação por parte de todos estes autores, embora seja um movimento relevante, seria insuficiente para gerar, por si só, uma nova concepção sobre o campo, de acordo com o Pragmaticismo peirceano. Isto porque, quando estão em jogo processos de mudança de hábitos, seria necessária uma articulação dialética entre o movimento observado, de acolhimento da indeterminação como fator importante para a comunicação, com outro movimento rumo a uma nova razoabilidade lógica coletiva e, assim, a hábitos de pensamento e de conduta mais adequados ao contexto externo em transformação. Enquanto a indeterminação, o Summum Bonum e a Estética estão sob a dominância da categoria da Primeiridade, tais hábitos de pensamento estão na esfera do outro tipo de generalidade proposto por Peirce, a Terceiridade, aquela das proposições, leis e padrões do pensamento (entre eles, a propósito, a própria Epistemologia).

Aparentemente contraditórios, esses dois movimentos são chamados, na Semiótica, de Degenerescência e Genuinidade Sígnica, e se articulam nos mais diversos processos de representação. Nas palavras de Hanna Buczynska-Garewicz:

Uma representação é, em essência, uma operação intelectual e não pode ser nada além disso. Entretanto, ela não se separa de outras faculdades cognitivas. E o conceito peirceano de signo degenerado apresenta este fato de forma muito precisa. Devido a suas formas degeneradas, um signo é capaz de apelar aos nossos sentidos, de produzir nossas percepções, de determinar nossas ações, assim como, de gerar nossos pensamentos. Isto, é claro, não pode funcionar sem o envolvimento do nosso intelecto; o raciocínio é um momento indispensável de todo processo semiótico, pois é o próprio ato de mediar uma representação. Sem a razão, a semiose, ou seja, o processo de representação, é impossível. Assim, o raciocínio é a essência da semiose, entretanto, na maioria das vezes, a semiose intelectual é misturada com outros atos da mente humana (BUCZYNSKA-GAREWICZ, 1971, p. 14).

Quanto mais harmônica é esta articulação, mais efetivo é o signo. “Isto quer dizer que se você tem uma ideia de Terceiridade você deve ter tido as ideias de Secundidade e de Primeiridade para desenvolvê-la.” (CP, 5.91).

Estes conceitos de Genuinidade e Degenerescência descrevem o tipo de relação que a mente interpretadora estabelece entre o signo e o objeto que ele intenta representar. Se o signo substitui o objeto por meio de uma regra estabelecida culturalmente, ou seja, é um símbolo, ele adquire o caráter de um signo genuíno, pois apresenta a capacidade de representar algo com grande generalidade, tanto em seu alcance coletivo, quanto na definição comum quanto a seus significados. As crenças e hábitos são interpretantes lógicos criados a partir de relações desse tipo, como é o caso, por exemplo, das concepções correntes sobre o campo da Comunicação.

Quando, no entanto, o signo substitui o objeto por estabelecer com ele relações de existencialidade e, portanto, não o faz por convenção cultural, há um primeiro grau de degenerescência, que é o que ocorre, por exemplo, quando as concepções sobre o campo passam a incorporar impactos existenciais de seus objetos, os processos comunicacionais. Conforme já destacamos acima, acreditamos que, no momento, um dos impactos mais relevantes nesse sentido advém da esfera das tecnologias digitais de comunicação.

Porém, há um grau ainda mais extremo de degenerescência que ocorre quando a mente interpretadora estabelece relações de semelhanças de qualidades entre signo e objeto por um motivo qualquer, sem necessidade lógica ou por fatores existenciais. Isto é, por exemplo, o que ocorre quando autores incorporam, conforme descrevemos acima, uma possível indeterminação que caracterizaria os atuais processos comunicacionais às suas concepções sobre o campo sem que saibam claramente o porquê. Segundo Peirce, esta convergência teria algo de “admirável” em si mesma, sem nenhuma razão ulterior, ou seja, seria um caso de “Summum Bonum” (PIMENTA, 2008, pp. 9-13).

A partir destas noções de Genuinidade e Degenerescência, podemos, então, conceber a ideia de que a compreensão mais completa possível de um processo sógnico articula, além da abertura para o “Summum Bonum” estético e sua indeterminação “degenerada”, um outro movimento rumo ao chamado interpretante lógico último, fruto de processos de alta Genuinidade sógnica. No caso que tratamos aqui, isto envolveria a compreensão de como esta possível indeterminação conduziria a uma nova concepção

coletiva sobre o campo da Comunicação, porém com autoconsciência de seus próprios procedimentos de inferência lógica.

Peirce concebeu a existência de diversos tipos de interpretantes, conceito que descreve outros signos gerados nas mentes interpretadoras como efeitos da relação entre o signo e aquilo que ele substitui, o objeto. O lógico é o terceiro de uma de suas diversas tríades de interpretantes, na qual é precedido pelo emocional e pelo energético, de acordo com a progressão de suas categorias, que vão do vago, passando pelo existencial, até o mental e coletivo. O autor defendia, então, que tal generalidade lógica seria um tipo de hábito mental (CP, 5.476-7), como padrão repetível, e que, nos processos de representação mais adequados ao seu contexto existencial teria características dinâmicas, sendo lógico, porém aberto às indeterminações. Quando diversas concepções sobre o campo da Comunicação apresentam este tipo de abertura, conforme foi observado no congresso da Compós de 2007, já é um avanço considerável.

Peirce, porém, vai mais além quando trata de estabelecer um critério de excelência lógica. Segundo ele, é somente quando ocorre a situação em que um hábito adquire, em outro processo, o papel de signo e tem, por sua vez, um interpretante, numa espécie de metacognição, que estão dadas as condições para que surja, então, o interpretante lógico último, ou seja, o processo de mudança de hábitos (CP, 5.476-8). Para que isso aconteça é necessário que a mente, o quão mais coletiva melhor, tenha autoconsciência crítica de seus hábitos por meio do controle de seus próprios princípios-guia inferenciais, sabendo que está seguindo um padrão válido a seus objetivos. É o que pode vir a ocorrer, por exemplo, a partir das reflexões de um grupo de trabalho sobre Epistemologia quando este fornece à mente coletiva daqueles que buscam compreender melhor o objeto “campo da Comunicação” signos que podem colaborar para uma autoconsciência de seus próprios processos de pensamento.

Tal mudança de hábitos é considerada algo sumamente desejável na esfera do Pragmaticismo, pois implica a capacidade da mente interpretadora, de caráter coletivo, proceder de forma harmônica com uma lógica que lhe é externa e, mais do que isso, autônoma frente a qualquer mente humana particular. Essa concepção decorre da compreensão Realista de Peirce, segundo a qual não é o pensamento que está em nós e, sim, nós é que estamos no pensamento (CP, 5.289 n. 1). De acordo com esta vertente, existiriam analogias entre o pensamento humano e a lógica que preside o Universo:

“Em outras palavras, nossa Razão é análoga à Razão que governa o Universo; devemos assumir isto ou desesperar em descobrir alguma coisa” (EP, 2.502). Assim, o pensamento humano possuiria um “Lume Naturale”, tal como propunha Galileu (CP. 1.80), que o conduziria tanto ao admirável estético quanto ao interpretante lógico último e, assim, à mudança de hábitos.

Portanto, embora o interpretante lógico último seja um conceito da categoria mais geral da Terceiridade, e, portanto, da esfera dos signos genuínos, é nesta articulação com a outra generalidade da Primeiridade, ou seja, com o âmbito dos signos degenerados, que se encontra a base para o significado mais desenvolvido possível de um processo de representação sgnica, passando-se, naturalmente, pela categoria existencial da Secundidade. As degenerescências sgnicas geram “desconstruções” de hábitos e crenças por meio da incidência de relações existenciais e de semelhanças entre signo e objeto, ao mesmo tempo que processos genuínos promovem uma reelaboração lógica por meio da compreensão dos fenômenos em pauta com autocontrole de todo o processo inferencial.

É possível que tal processo esteja em seus primeiros estágios na esfera da Epistemologia da Comunicação no País, dado que já observamos o reconhecimento, por parte de diversos autores, da importância da esfera da indeterminação. A seguir, observaremos este mesmo fenômeno sob outra visada e, daí, ao final, procuraremos chegar a uma conclusão mais elaborada sobre tais convergências.

### **3. O Revirão: a mente é espelho**

Conforme dito na introdução, os articulistas têm caracterizado certos pontos que identificam no processo comunicacional como: “incertos”, da esfera do “sensível”, “intuitivos”, “subjetivos”... E mais, a atual difusão acelerada da comunicação imediata, planetária, ubíqua, portátil e em rede tem explicitado a inevitabilidade da presença cada vez maior desses pontos. Após acompanharmos o viés semiótico, trata-se nesta parte do artigo<sup>4</sup> de considerar esse cenário segundo a Gnômica (MAGNO [1991]: 96, e

<sup>4</sup> Em continuidade ao projeto “A transformação dos vínculos”, iniciado em 2006, após o término da pesquisa “Artificialismo total: comunicação e psicanálise”, que resultou em tese de pós-doutoramento apresentada em 2005 ao Centro de Estudos da Comunicação e Linguagens / UNL, sob a orientação de José A. Bragança de Miranda. Cf. Silveira Jr., 2006.

[2000/2001]: 59-95), campo de pesquisa sobre as condições e desempenhos da produção do conhecimento (científico ou outro) no sentido de mapear acontecimentos, pensamentos e coisas – que a Gnômica arrola no conceito genérico de *formação*<sup>5</sup> –, suas relações, jogos, transformações, encaixes e resultantes.

O modo de operação da Gnômica é a Transformática, que se propõe como teoria da comunicação e busca descrever, acompanhar e intervir nos processos de coleta e arquivamento das relações e transposições entre as formações. Para demarcar o contexto em que ela foi proposta (MAGNO [1996]: 391-428; [1998]), podemos dizer que Freud construiu sua obra segundo um aparelho de estilo clássico, geocêntrico, cujos vetores se encaminham gravitacionalmente para um centro único, o complexo de Édipo; e Lacan, segundo um aparelho barroco, heliocêntrico, cujos vetores se movimentam gravitacionalmente sobre uma elipse, situando seu sol sobre o foco do significante denominado Nome do Pai. Nos anos 1980, MD Magno ([1986-7]) propõe um modelo que avança tanto sobre esse vetor sequencial em sentido linear, de Freud, quanto sobre o percurso espiralado progressivo-regressivo, de Lacan. As razões desse avanço estão em extrair as consequências de, ao final de suas obras, Freud ter inventado a Pulsão de Morte (1920), e Lacan, abordando topologicamente a psicanálise, ter introduzido o nó borromeano (1972). Tais conceito e abordagem implicam refazer e sempre retomar seus percursos sobre bases mais abstratas.

Nesta sequência heurística, propõe-se, então, um aparelho de índole maneirista, atectônico<sup>6</sup>, mais einsteiniano do que newtoniano ou kepleriano, com seus vetores centrados num “relativismo radical das energias” que sustentam o sistema de seu universo pensante (MAGNO [1992]: 4). Um de seus postulados primeiros é: “o psiquismo se apresenta como Revirão<sup>7</sup>”, o qual Revirão é uma operação decorrente da hipótese de que a espécie humana, por mais devedora que seja de sua origem simiesca, singulariza-se por surgir já com uma mente que funciona catoptricamente<sup>8</sup>, ou seja,

---

<sup>5</sup> Para um aprofundamento do conceito, cf. (Medeiros, 2008: 4): “Por *formação* entende-se toda e qualquer forma, ordenação, articulação ou estrutura que há, das partículas e antipartículas a uma ordenação simbólica (humana) qualquer, do código genético e dos ecossistemas vivos a todo tipo de técnica, língua, conhecimento ou arte. Ou ainda, toda e qualquer forma comparecente como matéria, vida ou artefato, para usar os termos das teorias da complexidade e da auto-organização...”

<sup>6</sup> Ou seja, prescindindo da hegemonia da lei da gravidade, reguladora da “tectônica” (do al. *Tektonik*, red. de *Geotektonik*, que designa a parte da geologia que trata da ‘estrutura da terra’).

<sup>7</sup> Conceito introduzido em Magno [1982].

<sup>8</sup> Do grego *katóptron*, ‘espelho’.

como espelho<sup>9</sup>. Consequentemente, tudo que se põe para ela, põe ao mesmo tempo uma oposição e exige pensar um terceiro lugar de neutralidade em relação a esses dois opostos. Isto, segundo um movimento permanente de ...diferença / in-diferença / nova diferença..., que opera segundo o que Freud trouxera como fundamental no conceito de *Pulsão*: força única, constante e silenciosa que visa aplicar-se no sentido de sua própria e total extinção. Como jamais esta extinção absoluta se realiza, a impossibilidade aí em jogo não apenas relança o movimento incessantemente em eterno retorno sobre si mesmo, como é considerada a *causa* do próprio movimento.

É uma concepção que estende o alcance da pulsão para além do que ocorre no psiquismo e abrange tudo que há, o *Haver*, outro conceito da Gnômica, que designa o campo do possível e inclui não apenas tudo que há, como tudo que possa haver, que são as *formações do Haver*. Então, como indicado acima, uma vez que a vocação do movimento pulsional, quando levado adiante, é deparar-se com uma radical impossibilidade de extinguir-se para sempre, não mais haver, a Lei regente desse movimento se formulariza como: Haver quer não-Haver ( $A \rightarrow \tilde{A}$ ). E é da não-passagem à extinção, ou seja, a seu avesso absoluto, que resulta a operação do Revirão<sup>10</sup>: o movimento atinge um ponto extremo que o faz revirar sobre si mesmo e “retornar” – entre aspas, pois nunca saiu – ao Haver.

Para efeitos didáticos, escreve-se o Revirão e suas operações com o desenho do percurso longitudinal mediano sobre a superfície topológica unilátera chamada banda de Moebius, segundo o qual se passa *em continuidade* da posição (+) de determinado ponto a seu avesso (-). Percurso este denominado pelos matemáticos ‘oito interior’ e aqui tomado para mostrar: as posições opostas, as diferenças (+/-); o ponto terceiro (3), no qual ocorre a in-diferenciação dos opostos e a passagem entre eles; e a Diferença última (requerida, porém impossível de ser transposta) entre tudo que há (A) e o não-Haver almejado ( $\tilde{A}$ ). Sua originalidade está em situar pulsionalmente, entre o terceiro e o não-Haver, o lugar do unário (1) que constitui tudo que há como campo homogêneo:

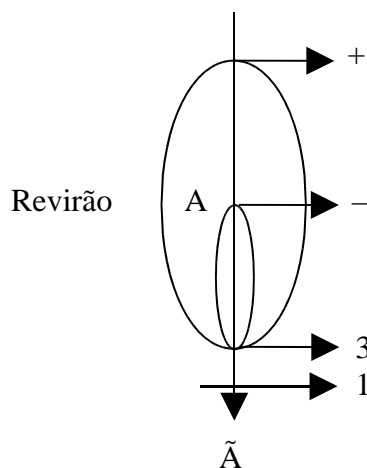
Lei:  $A \rightarrow \tilde{A}$

---

<sup>9</sup> Entendido como pura superfície de reflexão e avessamento.

<sup>10</sup> Considera-se o Revirão instalado, de saída, na espécie humana como sua essencial disponibilidade (e não obrigação) para reverter, avessar o que quer que lhe seja apresentado. Se é noite, inventa-se luz elétrica; se não tem asas, inventa-se avião... Acrescente-se que, também ele, é considerado extensivo a tudo que há.





Partindo desse aparelho em que os vetores se movimentam pulsionalmente em Revirão, e agora ampliando o alcance de outro conceito freudiano, o de Transferência (*Übertragung*)<sup>11</sup>, para todo o Haver, temos as bases mínimas para tomar a Transformática como teoria da comunicação segundo a qual tudo que há se apresenta como *formações* numa generalizada rede transferencial (portanto, comunicacional) cujas possibilidades de conexão e transformação são infinitas. Podem estar recalçadas momentaneamente, mas o Revirão lhes é permanente como horizonte ineliminável. É justo o que vemos atualmente acontecer como efeito da aceleração tecnológico-informacional é o levantamento cada vez mais difuso, para bem ou para mal, e muitas vezes à nossa revelia, da pressão de inúmeros recalques antes tidos como inamovíveis. É o caso, por exemplo, do que se convencionou chamar de “crise” das ideias, algumas das quais milenarmente estabelecidas, mas que, de repente, se revelaram obsoletas para continuar orientando a reflexão sobre os “laços telecomunicativos” de nossa sociedade de massas (SLOTERDIJK [1999]: 10-17).

Uma vez, então, que o campo do Haver é concebido pulsionalmente, trata-se sempre de incluir a consideração de outros lados que, mesmo recalcados, não deixam de ser partes integrantes das formações do Haver, as quais sem a inserção desses outros lados em algum nível jamais serão devidamente entendidas. Isto porque, quando o périplo do Revirão passa pelo ponto terceiro, ainda que por um átimo, tudo entra de

<sup>11</sup> Freud definia Transferência – que, em alemão, significa ‘transporte’ – como o terreno em que ocorre o processo psicanalítico: o analisando repete seus conflitos infantis e os projeta sobre o analista. Mas ele sabia que transferência não ocorre apenas aí, inclui tudo que está em jogo nos fenômenos vinculares referidos por pensadores, artistas e cientistas ao longo da história como: influência, contágio, sugestão, sedução, alienação, hipnose, transe, metáfora, sinapse, link, etc. Cf. (Magno [2003]: “Transferência há porque o campo é homogêneo: o Haver inteiro é transferencial. Todas as relações de comunicação são da mesma ordem do que podemos chamar de transferência”.

cambulhada na conta e todas as formações (não eliminam, mas) equivalem suas diferenças – in-diferenciando-se, portanto. Por isso, por contar com a in-diferenciação, a Transformática, de saída, problematiza o valor das fronteiras usualmente estabelecidas entre: (a) *eu e outro*, já que há comunicação possível (e mesmo exigível) entre os dois e este outro também se chama de eu; (b) *interior e exterior*, uma vez que o Haver é considerado homogêneo e transferencial, torna-se impossível delimitar até onde vai um e começa outro, o que tira o sentido das ideias de subjetivo ou subjetividade; (c) o mesmo valendo para *sujeito e objeto*, ambos considerados ilusões; (d) *consciente e inconsciente*, dado que consciente é apenas um pedaço que aflora de tudo que há, que, de resto, é inconsciente; e (e) *indivíduo e grupo / ambiente*, pois, separado do grupo ou do ambiente, o indivíduo (‘não dividido’) sucumbe (MAGNO [2007]: seção 2).

Tudo que há são formações, inclusive a humana, que, como vimos, especifica-se por portar em sua construtura a possibilidade de Revirão. Conceber tudo como formação do Haver também implica supor que toda formação se apresenta como um *pólo*, constituído de muitas formações, com seu *foco* e sua *franja*. Estamos, pois, no âmbito de uma *teoria polar* que aborda as transações (isto é, a comunicação) entre as formações, das quais transações resultam outras formações, e cada qual se constitui como conhecimento. Isto, sem necessidade de sujeito ou objeto aí, pois tudo que se apresenta é conhecimento, restando saber o nível desta apresentação, sua adequação. Uma formação é sempre uma polarização de formações, pois jamais se saberá onde terminam as franjas da rede. A consideração possível é quanto à sua região focal, sempre levando em conta que “qualquer formação se apresenta polarmente, e quanto maiores a abrangência franjal e a quantidade de elementos franjais que outras formações possam capturar nesta formação, mais complexa – ou talvez mais completa – ela se apresentará” (MAGNO [2008]: seção 2).

Segundo esta brevíssima<sup>12</sup> introdução aos conceitos e noções da Transformática, propõe-se a consideração dos fenômenos aludidos no início – “incertos”, da esfera do “sensível”, etc. – como efeitos contemporâneos da intervenção cada vez mais ubíqua e incontrolável de elementos da franja em focos que tradicionalmente constituíam nossos processos de entendimento e uso das formações (diferenciações sujeito/objeto, eu/outro,

---

<sup>12</sup> Apenas alguns raciocínios foram expostos. A Transformática, quando criada em 1996, resultava de mais de vinte anos de pesquisa realizada por MD Magno e seu grupo. Iniciada nos anos 1970 no âmbito da Eco/UFRJ, continua se desenvolvendo em diversas áreas, com sua produção regularmente publicada. Cf. [www.novamente.org.br](http://www.novamente.org.br)

p. ex.). O ganho em considerar assim está na possibilidade de melhor acompanhar o movimento e o sentido de inúmeros vetores que sempre estiveram presentes na comunicação entre as formações, mas que, devido à insuficiência tecnológica, não se mostravam com clareza. Uma vez que esta clareza vai ganhando recursos de expressão (interatividade, transmissão e captação de som, tato, etc.), o movimento e a composição das formações podem ser acompanhados e transformações (“mudanças de hábito”) antes impensáveis, ou mesmo temidas, se disponibilizam (mediante RV, p. ex.). Transformações estas que, de modo algum, são alheias à estrutura da mente. Esta, aliás, não sendo considerada atributo exclusivo dos humanos<sup>13</sup>, e sim homóloga à catoptria do Haver mencionada acima.

#### **4. Considerações Finais**

Assim, a ampliação da possível convergência teórica observada no atual debate epistemológico sobre a Comunicação, em torno da “incerteza”, para uma aproximação também nas análises teóricas sobre tais processos de mudança cognitiva, que nos propusemos a observar no início deste trabalho, nos conduziu a resultados interessantes. Pelo menos no caso das vertentes teóricas apresentadas, o Pragmaticismo e a Transformática, vimos diversas aproximações já a partir do reconhecimento da importância do crescente compartilhamento gerado pela atual comunicação planetária, ubíqua e em rede. O impacto social das tecnologias digitais de comunicação foi destacado pela Semiótica como forma de reforçar as relações de existencialidade entre signo e objeto, e também de semelhança entre eles, por meio dos processos de degenerescência sígnica. No caso da Transformática, ressaltou-se o levantamento da pressão recalcante de forças que antes pareciam ser fundamentais, possibilitando um melhor acompanhamento do movimento e do sentido de inúmeros vetores que sempre estiveram presentes na comunicação, porém sem chances de mostrar-se com clareza. Nos dois casos, tais eventos propiciariam as condições para possíveis processos de mudança cognitiva.

---

<sup>13</sup> Nada impede conceber que seres não de base carbono também a portem. Daí a busca pelos ETs bastante fomentada pela ciência atual.

Outra aproximação observada nas duas vertentes é a valorização dos eventos chamados de “incertos”. No caso da Semiótica, tomados como indeterminação, geradora de mudanças de hábitos, e no da Transformática, como resultantes do processo do Revirão e sua inerente in-diferenciação, operação ineliminável da possibilidade de transformações no processo comunicacional. Tal valorização facilita não só na observação como na busca de uma compreensão para os fenômenos citados, da esfera da incerteza, pois os articula com o restante dos respectivos quadros analíticos, em vez de desconsiderá-los por falta da devida instrumentação de pesquisa.

Finalmente, outro ponto de convergência é a consideração do processo de posterior reordenamento cognitivo como fundamental para uma harmonia crescente entre o pensamento humano e o objeto dinâmico, no caso da Semiótica; ou para pensar intervenções adequadas, *ad hoc*, em meio à agonística das formações, no caso da Transformática. É interessante notar, a propósito, que ambas as considerações implicam uma concepção para além da proposta do construtivismo na compreensão do que é externo ao pensamento humano, o que, por si só, mereceria um trabalho à parte. Já o processo de reordenamento, após uma fase de degenerescência ou de in-diferenciação, aparece como o ponto alto das duas análises, seja no âmbito da “mudança de hábitos”, de Peirce, ou da inclusão do “Revirão”, de Magno.

Argumenta-se, então, no caso do Pragmaticismo, que tal processo de degenerescência sêmica, acompanhado por seu reordenamento na forma de um novo hábito, sob inspiração coletiva, permite ao pensamento humano a necessária articulação com todo o complexo de fenômenos que lhe são externos e, daí, a possibilidade de compreendê-los melhor. No caso específico da Epistemologia da Comunicação, a hipótese é de que a comunidade de pesquisadores da área começa a perceber um processo de desagregação das concepções tradicionais sobre o Campo, porém ainda carece de clareza sobre isso. Portanto, como não atingiu a devida heterocrítica a respeito de suas inferências lógicas, não estaria apta a formar novos hábitos e, daí, a obter uma compreensão mais ampla sobre como seriam suas configurações atuais.

A análise derivada da Transformática detecta a intervenção desabrida de elementos das “franjas” em focos tradicionais de entendimento e uso das formações. Intervenção esta resultante de in-diferenciações que os demais pesquisadores observam como incerteza e instabilidade. Uma vez que, a partir daí, disponibilizam-se

transformações antes inconcebíveis, ou mesmo tidas como atemorizantes, há chances de cada vez mais contar-se com a operação do “Revirão” na compreensão dos acontecimentos contemporâneos.

Reforçamos, pois, a ideia de que o reconhecimento dos fenômenos “incertos” pelos autores do campo da Epistemologia da Comunicação no País seja forte indício da necessidade da aplicação de ferramentas teórico-práticas dotadas de laboratórios experimentais afinados com o que ocorre planetariamente após os anos 1980.

## Referências

- BUCZYNSKA-GAREWICZ, Hanna. (1971) “**The Degenerate Sign**” in *Semiosis*, 13. Stuttgart.
- FREUD, Sigmund. [1920] **Além do Princípio de Prazer**. ESB, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 13-85.
- LACAN, Jacques. [1970-71] **...ou pire**. A sair
- MAGNO, MD. [2008] **AdRem: Gnômica ou MetaPsicologia do conhecimento**. A sair
- \_\_\_\_\_. [2007] **A Rebelião dos Anjos: Eleutéria e Exousía**. A sair.
- \_\_\_\_\_. [2003] **Ars Gaudendi: a Arte do Gozo**. Rio de Janeiro: NovaMente, 2006.
- \_\_\_\_\_. [2000/2001] **Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga” e “Clínica da Razão Prática”**. Rio de Janeiro: NovaMente, 2003.
- \_\_\_\_\_. [1998] **Introdução à Transformática**. Rio de Janeiro: NovaMente, 2004.
- \_\_\_\_\_. [1996] **“Psychopathia Sexualis”**. Santa Maria: Editora UFMS, 2000.
- \_\_\_\_\_. [1994] **Velut Luna: a Clínica Geral da Nova Psicanálise**. 2ed. Rio de Janeiro: NovaMente, 2008.
- \_\_\_\_\_. [1992] **Pedagogia Freudiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- \_\_\_\_\_. [1982] **A Música**. Rio de Janeiro: Aoutra, 1986.
- MEDEIROS, Nelma. **O primado heurístico da noção de “formação”: para uma teoria gnóstica do conhecimento**. Lumina: Revista do PPGCOM / UFJF. Vol.2, n. 2, 2008.
- PIMENTA, Francisco J. Paoliello (2007) **Semiótica, como teoria da representação, e o campo da Comunicação**. In Anais do XVI COMPÓS. Curitiba: Tuiuti/COMPÓS. (CD)
- \_\_\_\_\_. (2008) **Indeterminação; o ‘Admirável’; a Crescente Comunicabilidade**. In Anais do XVII COMPÓS. São Paulo: UNIP/COMPÓS. (CD)
- PEIRCE, Charles Sanders (1931 - 1958). **Collected Papers**. 8 vols. Cambridge: Harvard University Press.
- \_\_\_\_\_. (1998) **The Essential Peirce**. 2 vols. Indiana: Peirce Edition Project.
- SILVEIRA Jr., Potiguara Mendes da. **Artificialismo total. Ensaios de transformática**. Comunicação e psicanálise. Rio de Janeiro: NovaMente, 2006.
- SLOTERDIJK, Peter. [1999] **Regras para o parque humano; uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

